

MODOS DE PRODUÇÃO: MERCADO EDITORIAL E CONDIÇÕES DE USO DOS QUADRINHOS

Gleica Helena Sampaio Machado Macedo (Mestranda/UNEB)¹

José Carlos Félix (Doutor/UNEB)²

Resumo: Desde 1950 diversas obras de distintos autores da literatura brasileira, sobretudo de escritores reconhecidos, são reescritas através do gênero narrativo contemporâneo - histórias em quadrinhos. Diante disso, o presente trabalho traça uma discussão sobre dois diferentes modos de produção – obras literárias e adaptações em quadrinhos - e como eles se influenciam resultando em processos interpretativos distintos. Para isso, será feita uma reflexão sobre o objetivo dessas recriações, envoltas num contexto capitalista que move o mercado editorial. Dessa forma, o objetivo estaria centrado no diletantismo pela arte, ou no interesse meramente mercadológico que visa vendas em larga escala em atendimento aos editais de educação? Tais objetivos não necessariamente devem estar isolados. Além de tais abordagens, serão apontadas condições de produção e recepção dos quadrinhos em geral. Estudiosos como Felipe Lindoso, Frederic Jameson, Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Santiago Garcia, dentre outros, contribuirão a partir de seus estudos possibilitando uma ampliação da discussão aqui proposta.
Palavras-chave: Modos de produção; quadrinhos; recriações.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos têm cada vez mais alcançado maior espaço no meio acadêmico, os olhares mais atentos a esse gênero contemporâneo, através de seus estudos nesse campo, ampliam as possibilidades de compreensão e disseminação das HQs. A década entre 1960 e 1970 configurou uma expressiva expansão de trabalhos voltados às histórias em quadrinhos, a revista *Cultura e Vozes*, por exemplo, não somente publicou artigos e resenhas sobre a temática, como também destinou três números para tal abordagem, (VERGUEIRO; RAMOS; CHINEN; 2013, p. 9).

Dentre as inúmeras produções em HQ, as adaptações de obras literárias têm ganhado cada vez mais espaço no mercado editorial. Segundo Oliveira (2007, p. 197) desde 1950 as coleções *Edição Maravilhosa*, da Editora Brasil e América Latina, e *Romance em Quadrinhos*, da Rio Gráfica Editora, publicavam adaptações em quadrinhos de obras literárias já bastante conhecidas na época, além dessas uma série intitulada *Literatura Brasileira em Quadrinhos* traz diversas adaptações de autores conhecidos na literatura brasileira, dentre eles, Machado de Assis.

Diante disso, o presente artigo propõe uma reflexão sobre esses modos de produção distintos, a obra literária e as recriações dessas em quadrinhos, e como esses se influenciam resultando em processos interpretativos diferentes. Para tal, se faz necessário refletir também o objetivo dessas

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix. Endereço eletrônico: estudante.gleica@hotmail.com.

² Professor adjunto na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Doutor no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Grupo de pesquisa pós-teoria.

recriações de obras literárias através das HQs (dado o contexto editorial mercadológico, movido pela lógica capitalista). Além disso, serão abordadas as condições de uso dos quadrinhos em geral. Para traçar tais reflexões, alguns estudiosos dentre eles, Felipe Lindoso, Frederic Jameson, Waldomiro Vergueiro, Patrícia Pina, contribuirão a partir de suas discussões na reflexão aqui proposta.

1 ADAPTAÇÕES EM QUADRINHOS E O MERCADO EDITORIAL

Como dito anteriormente, desde 1950 obras literárias eram recriadas/adaptadas através das histórias em quadrinhos (HQs) (OLIVEIRA, 2007, p. 197). São inúmeras as obras literárias que foram e continuam sendo transpostas para os quadrinhos, principalmente de autores reconhecidos na literatura brasileira. Nesse sentido alguns pontos são suscitados para discussão.

O primeiro ponto configura-se no objetivo de tais recriações, esse estaria centrado no diletantismo pela arte, no comprometimento com a manifestação artística, ou no interesse meramente mercadológico envolto na lógica capitalista que move o mercado editorial? Tais objetivos não necessariamente estão completamente isolados. Paulo Ramos pesquisador e escritor sobre a temática, é prefaciador de uma das recriações da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, realizada por Mario Cau e Felipe Greco, sobre tal adaptação Ramos afirma em seu prefácio:

[...] esta obra demorou quase seis anos entre concepção e publicação. Embora esteja incontornavelmente inserida nesse contexto editorial, a história em quadrinhos se diferencia pelo detalhamento que procurou dar em relação ao texto original, algo facilmente percebido na leitura das 232 páginas do livro (RAMOS, 2012, p. 5).

Como mencionado pelo prefaciador é inegável que tal obra esteja inserida na lógica capitalista do mercado editorial, mas o que evidencia nesse caso, o diletantismo pela arte é justamente o próprio trabalho artístico realizado na obra, a adaptação aqui citada levou seis anos para ser concebida e publicada, tal fato demonstra a seriedade no processo adaptativo/criativo, é claro que o objetivo das editoras é fazer com que as obras publicadas circulem (sejam vendidas), mas a seriedade e compromisso atribuído ao processo de criação, é que denotam seu objetivo, que como afirma Paulo Ramos (2012, p. 5), Mario Cau (desenhista) e Felipe Greco (roteirista) aceitaram o desafio de traduzir a obra machadiana (*Dom Casmurro*), e se destacam pelo detalhamento nas 232 páginas da HQ que deram ao texto fonte, ainda segundo Ramos tal recriação foi feita por diletantismo e apreço a Machado de Assis.

Mas essa não é a realidade de todas as adaptações em quadrinhos de obras literárias, pois muitas delas estavam interessadas primeiramente nas vendas, visando às compras governamentais

dessas obras para serem levadas às escolas. Para atenderem os editais de inserção de obras canônicas narradas em quadrinhos nas escolas, algumas editoras visaram então produzir séries padronizadas de obras literárias transpostas para os quadrinhos. A série *Literatura Brasileira em Quadrinhos*, traz inúmeras recriações em quadrinhos de diversos autores reconhecidos na literatura brasileira, as adaptações seguem um padrão facilmente visualizado nas capas, posicionamento dos quadros e formatos das letras. Não se trata aqui de desmerecer o trabalho dessa série, mas sim de reconhecer que tal editora até por conta da demanda de venda do mercado editorial segue um padrão no processo criativo, diferentemente de uma obra que durou seis anos para ser concebida e publicada. Alguns quadrinhos dessa série estão presentes na escola atendendo ao Programa Nacional de Biblioteca na Escola que a partir (PNBE) de 2006 inseriu as HQs na distribuição de livros nas instituições públicas do Brasil (NETO; SILVA, 2015, p. 11), visto que os Parâmetros Curriculares Nacionais assim como a Lei de Diretrizes e Bases prevê o uso dos quadrinhos na prática educativa.

Movido pela lógica capitalista o mercado editorial visa ampliar cada vez mais os índices de produção e venda, nisso corrobora Jameson (2004), que a produção conta com a urgência econômica, objetivando produzir e vender cada vez mais, daí a produção de novas séries, novos produtos, com vistas em atrair um público consumidor cada vez maior. Dessa forma, as editoras envolvidas no contexto capitalista, apostarão nas obras e autores que apresentarem maiores possibilidades de circulação/venda. Nessa perspectiva Felipe Lindoso afirma:

As economias são poucas, e existe a necessidade de continuar editando para faturar algo, até o momento em que essa roda trava e a pequena editora fecha. Ou, nos casos melhores, acerta-se em um título que vende bastante, ou no segmento certo do mercado, e a empresa editorial consegue a uma velocidade de cruzeiro. Capacidade pessoal de desenvolvimento de uma linha editorial também conta, assim como o marketing pessoal, que pode atrair investidores que jogam também com o charme das editoras (2004, p. 114).

Como dito acima os objetivos das recriações em quadrinhos, diletantismo pela arte, ou visão mercadológica, não obrigatoriamente deve estar completamente apartados, mas pode ser perceptível através de análises a tais obras, qual objetivo é predominante. Dada a predominância de um objetivo ou de outro não invalida ou desmerece o trabalho realizado, pois independentemente tratam-se de recriações de obras literárias, e manifestações artísticas que por seu valor icônico propõem novos processos interpretativos ao público leitor.

O segundo ponto a ser abordado sobre as recriações em quadrinhos, centra-se nos distintos modos de produção e como eles se influenciam no processo criativo. Rajewsky (2012) conceitua intermedialidade apontando que essa configura-se na recriação de um produto para outra mídia, ou

na combinação de mídias. Relacionando esse conceito às recriações de obras literárias em quadrinhos, é perceptível tal transformação que o produto passa para ocupar a nova mídia. Além disso, é notável na HQ uma dada combinação entre as mídias, pois nessa é possível visualizar características da literatura (narrativa constituída de signo verbal), assim como elementos formais do teatro (aparição dos personagens e marcação do discurso direto entre os mesmos). O objetivo dessa discussão não é classificar os quadrinhos enquanto gênero dramático ou épico, mas de examinar as semelhanças entre os gêneros que demarcam as influências desses modos de produção entre si. Ainda nessa perspectiva da intermedialidade é possível afirmar que uma obra literária, escrita por Machado de Assis, por exemplo, ao adentrar no novo suporte – Histórias em Quadrinhos, deixa de ser Machado de Assis, e também não ocupa o espaço de cópia, trata-se da narrativa escrita em um novo suporte. Tratando-se especificamente de recriações da obra literária de Machado de Assis, Patricia Pina (2012), afirma que o Velho Bruxo (Machado), gostaria de ver as recriações contemporâneas das suas obras.

O terceiro ponto a ser pensado é sobre o público leitor desses distintos modos de produção, partindo do pressuposto que obras literárias como *Dom Casmurro* e *O Alienista* de Machado de Assis (dentre outras obras e suas respectivas adaptações/recriações), são bastante conhecidas, o que haveria de novo nas recriações em HQ para atrair o público leitor que já conhece essas obras escritas no século XIX?

O processo de recriação envolve também um processo de releitura da obra a ser recriada, isso implica novos processos interpretativos, pois em se tratando de mídias distintas, a obra literária e a recriação em quadrinhos, envolve também processos de criação distintos, a primeira é composta predominantemente do signo verbal enquanto a segunda envolve o diálogo do signo verbal com os elementos gráficos visuais, feita tal distinção implica também no reconhecimento que tais modos de produção “exigem” do leitor perspectivas interpretativas diferenciadas. Isso responde ao questionamento feito anteriormente, o público leitor é então atraído pela possibilidade de recriação e ressignificação do sentido construído na narrativa antes apenas pelo signo verbal e agora ‘verbal e visual.

No que concerne aos processos interpretativos das histórias em quadrinhos, Garcia afirma que a leitura dos quadrinhos é uma experiência distinta da leitura de uma obra literária, a qual é composta somente do signo verbal, assim como também é uma experiência distinta de assistir filmes, séries, dentre outras mídias televisivas, (GARCIA, 2012, p. 25), tal distinção deve-se ao fato de que o sentido construído na narrativa em quadrinhos é resultante da conjugação entre elementos formais visuais e verbais, junção das características mencionadas da obra literária e filmes. É

justamente esse elo entre verbal e imagético que constroem as possibilidades interpretativas, partindo daí é notável que a interpretação das HQs implica em critérios específicos embasados na compreensão de que não há como examinar os elementos constituintes dos quadrinhos isoladamente. Diante disso, cabe dizer que a “novidade” que atrai os leitores é consequência das possibilidades interpretativas resultantes das especificidades do gênero.

2 GIBITECAS: CAMINHOS PARA USO E PRODUÇÃO DOS QUADRINHOS

Segundo Vergueiro (2010, p. 21) a evolução dos tempos propiciou o reconhecimento dos benefícios das HQs para o ensino. Diante disso, os órgãos próprios da educação passaram a reconhecer a importância da inserção dos quadrinhos no currículo escolar, no Brasil tanto a Lei de Diretrizes e Bases quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais, orientam o uso do suporte no ambiente escolar do pré-escolar ao nível médio. A partir de 2006 o Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), também reconheceu a necessidade de inserção dos quadrinhos nas escolas públicas brasileiras. Dentre as HQs distribuídas nas escolas pelo PNBE, estão as adaptações em quadrinhos de obras literárias, como mencionado anteriormente.

Mesmo com a evolução do reconhecimento dos quadrinhos e possibilidades de uso orientadas pelos próprios órgãos educacionais, nem sempre tal uso é tão efetivo. Ainda é comum que educadores se questionem de como e se devem usar os quadrinhos, os mesmos se preocupam com o que os pais irão pensar (NETO; SILVA, 2015, p. 11), ou se não seria prejudicial “substituir” o uso da obra literária pela sua recriação em quadrinhos, isso ainda ocorre principalmente, pois parte desses educadores e pais estudaram no contexto de rejeição aos quadrinhos. E mesmo com a entrada dos quadrinhos nas bibliotecas das escolas públicas brasileiras, são comuns reclamações de alguns professores e principalmente alunos, que afirmam não encontrar as histórias em quadrinhos nas prateleiras da biblioteca de sua escola, isso quando as bibliotecas das escolas não estão fechadas por falta de um profissional responsável, ou ainda quando os livros não estão todos encaixotados por falta de um espaço próprio, tais problemáticas denotam a necessidade de formação e informação dos responsáveis pelas bibliotecas escolares, assim como políticas internas e externas que visem melhorar a biblioteca escolar, pois se o material foi inserido no ambiente escolar, o aluno tem direito a acessá-lo.

Além do espaço nas escolas alcançado pelo PNBE, corrobora Natania Nogueira (2015, p. 91) que os quadrinhos têm espaços próprios formados muitas vezes por profissionais de biblioteconomia e educadores interessados na área, esses arrecadam HQs e organizam as gibitecas, ora em espaços independentes, ora dentro das bibliotecas. Natania Nogueira cataloga as gibitecas existentes no

Brasil, a região Sudeste concentra 40% desses espaços, enquanto que no Nordeste são concentradas apenas 10%, cabe aqui ressaltar que diante dos dados apontados pela autora, não há registradas gibitecas na Bahia. (A autora recolheu os dados de várias fontes da internet, blogs e jornais).

É notável que observatórios de quadrinhos como da Universidade de São Paulo, fundado por Waldomiro Vergueiro, assim como eventos como as Jornadas Internacionais de Quadrinhos, os trabalhos acadêmicos com atenção voltada para tal temática, a circulação de várias histórias em quadrinhos digitais, tudo isso fortalece o reconhecimento e uso desse suporte. Mas também como discutido acima, ainda existem grandes impasses no trabalho com as HQs, nessa perspectiva a ampliação das gibitecas pode agir como instrumento primordial, para reconhecimento do suporte enquanto manifestação artística. Um exemplo disso é a Gibiteca de Santos em São Paulo, que tem se destacado justamente pelos vários eventos que ocorrem anualmente objetivando a expansão da leitura, uso e produção das HQs.

Nesses espaços é possível também se pensar em oficinas que visem como afirma Vergueiro (2010), “alfabetizar” educandos e educadores dessa linguagem. Essas oficinas podem inclusive idealizar a formação de interessados para a própria produção, buscando parcerias com criadores de HQ, (já existem cursos de formação para isso, ora pagos, ora gratuitos) para oferecer cursos para comunidade interessada, ou gratuitos ou com custos acessíveis. Dessa forma, entender a importância da ampliação das gibitecas resulta uma disseminação cada vez maior do contato dos leitores com os gibis, várias versões de adaptações em quadrinhos das mais variadas obras literárias, e quadrinhos em geral. Além disso, as oficinas e eventos são capazes de não apenas incentivar, mas também apontar possibilidades de uso no ambiente escolar, assim como incentivar e formar novos produtores de HQs.

CONCLUSÃO

Somente um corpus maior e um estudo mais aprofundado daria conta de explorar os modos de produção diferentes e como eles se influenciam - obra literária e adaptações em quadrinhos, essas além de envolverem processos interpretativos distintos, apresentam objetivos de recriação que podem ser pautados no diletantismo pela arte, ou no contexto meramente mercadológico, não estando tais objetivos necessariamente isolados.

Se faz necessário então, a disseminação do uso dos quadrinhos, dada sua importância e potencialidade, daí a necessidade da ampliação das gibitecas, que propiciariam então, contato, uso e produção dos quadrinhos.

REFERÊNCIAS

- GARCÍA, Santiago. *A Novela Gráfica*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GRECO, Felipe; *Dom Casmurro/ Machado de Assis*; [adaptação e roteiro de] Felipe Greco; [ilustrações de] Mario cau; [prefácio de] Paulo Ramos. São Paulo: Devir, 2012.
- JAMESON, Frederic. A lógica Cultural do Capitalismo Tardio. In: *Pós-modernismo*. 2 ed. Editora Ática, 2004.
- LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores?: política para a cultura/ política para o livro*. São Paulo: Summus, 2004.
- NETO, Elydio dos Santos; SILVA, Marta Regina Paulo da. Os gibis estão na escola, e agora? In: *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola e agora?* Elydio dos Santos Neto, Marta Regina Paulo da Silva (Org.). São Paulo: Criativo, 2015. p. 10-13.
- NOGUEIRA, Natania A. S. Gibiteca: possibilidades de criação e uso no trabalho pedagógico com crianças, jovens e adultos. In: *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola e agora?* Elydio dos Santos Neto, Marta Regina Paulo da Silva (Org.). São Paulo: Criativo, 2015. p. 89-101.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Literatura e as Outras Artes Hoje: o texto traduzido. In: *Literatura, Outras Artes e Cultura das Mídias*. n. 34. Belo Horizonte: USFM, 2007. p. 189-205.
- PINA, Patrícia Katia da Costa. *Literatura em quadrinhos: arte e leitura hoje*. Curitiba: Appris, 2012.
- RAJEWSKY, Irina O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Thais Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 16-45.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-29.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. Panorama das primeiras jornadas internacionais de histórias em quadrinhos. In: RODRIGUES, Carlos; Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Nobu Chinen (Org.). *Intersecções acadêmicas: panorama das 1^{as} jornadas internacionais de histórias em quadrinhos*. São Paulo: Criativo, 2013, p. 6-23.
- VILACHÃ, Francisco S. *O Alienista/ [baseado no original de] Machado de Assis*; adaptado por Francisco S. Vilachã, roteiro e desenhos; Fernando A. A. Rodrigues, cores. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

